

Criação – Lasar Segall

Segall

Lasar



Cortesia Museu Lasar Segall

Navio de emigrantes, 1939/1941.

(...) **Conferiu** dignidade e valor a seres oprimidos e desajustados. Plantou com sabedoria plástica o problema do homem frente a uma natureza hostil e a uma sociedade que o entrega à solidão absoluta. Creio que nas origens israelitas do pintor se encontra a chave do seu

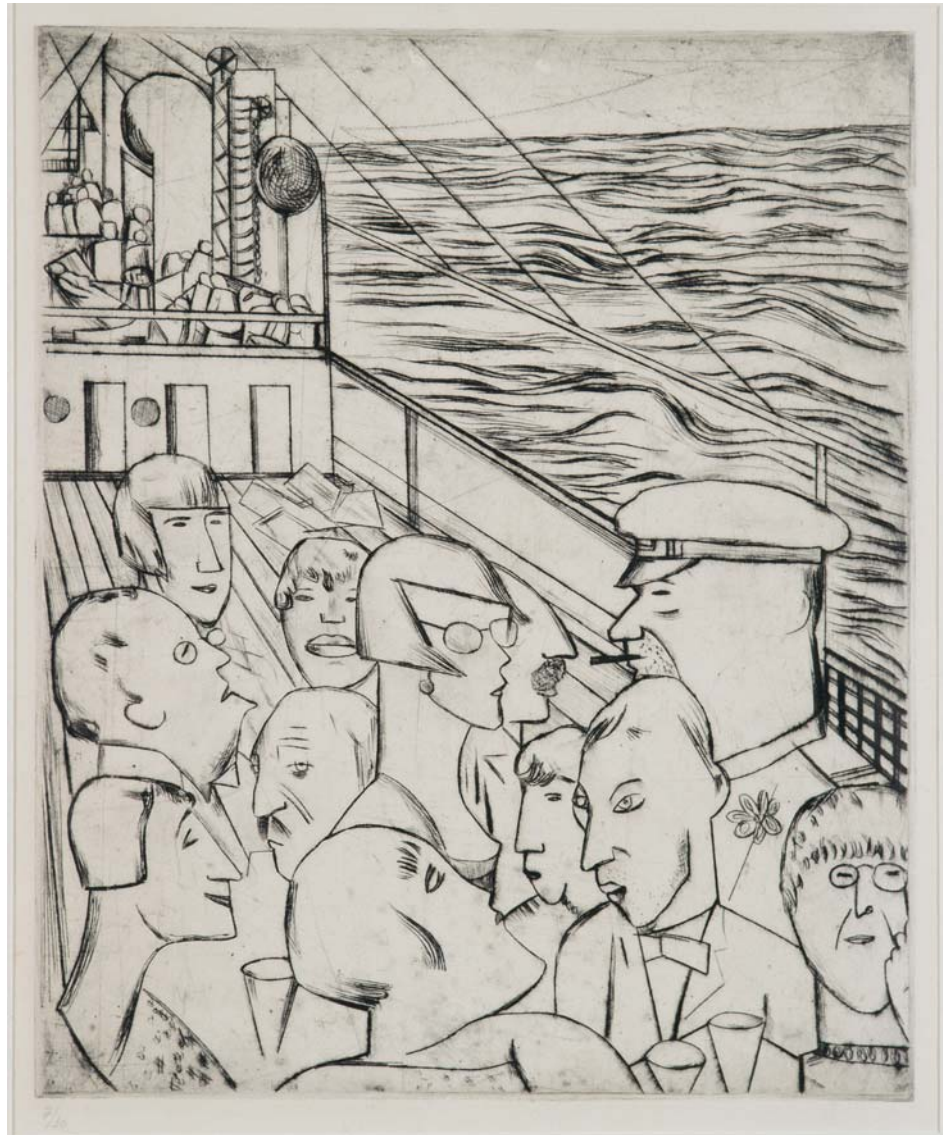


drama espiritual transposto em arte: drama que logicamente deveria explodir nessas grandiosas telas que se chamam *Guerra*, *Progrom*, *Campo de concentração*, *Navio de emigrantes*, quadro que de certa maneira corresponde na nossa pintura atual ao *Navio negreiro* de Castro Alves. A segalliana implica um largo conteúdo social: mas a força plástica e humana não se deixou vencer pelo fator político e social – mesmo porque o pintor não obedece a palavras de ordem partidária. A arte de Segall atesta o confronto entre o indivíduo e a coletividade. O indivíduo-artista resolve o conflito de forças ao interpretar a realidade social, transpondo-a para um superior plano estético e filosófico em que os seres esmagados pelo enorme rolo compressor recebem sua justificação. Na nossa época, época eminentemente polêmica, a exacerbação das paixões políticas produz um distúrbio no eixo de equilíbrio do artista; poucos são os que realizam a interpretação dos valores plásticos, humanos e sociais. A perigosa vizinhança da *charge*, do cartaz de propaganda e da ilustração, agravada ainda pela sobrecarga de intenções polêmicas, numa atmosfera de constante exaltação, produz um desajustamento entre a sensibilidade e a inteligência; e com isto sofre a obra de arte nas suas exigências mais fundas. Poucos pintores atuais terão levantado um monumento de tão sólida estrutura social como o autor do *Navio de emigrantes*. Mas poucos também terão conseguido um resultado tão harmônico, em que a violência do libelo é balanceada pela justeza das proporções.

Murilo Mendes, *Antologia Lasar Segall*,
Rio de Janeiro: Funarte, 1982. p.59.



Terceira classe, 1928.



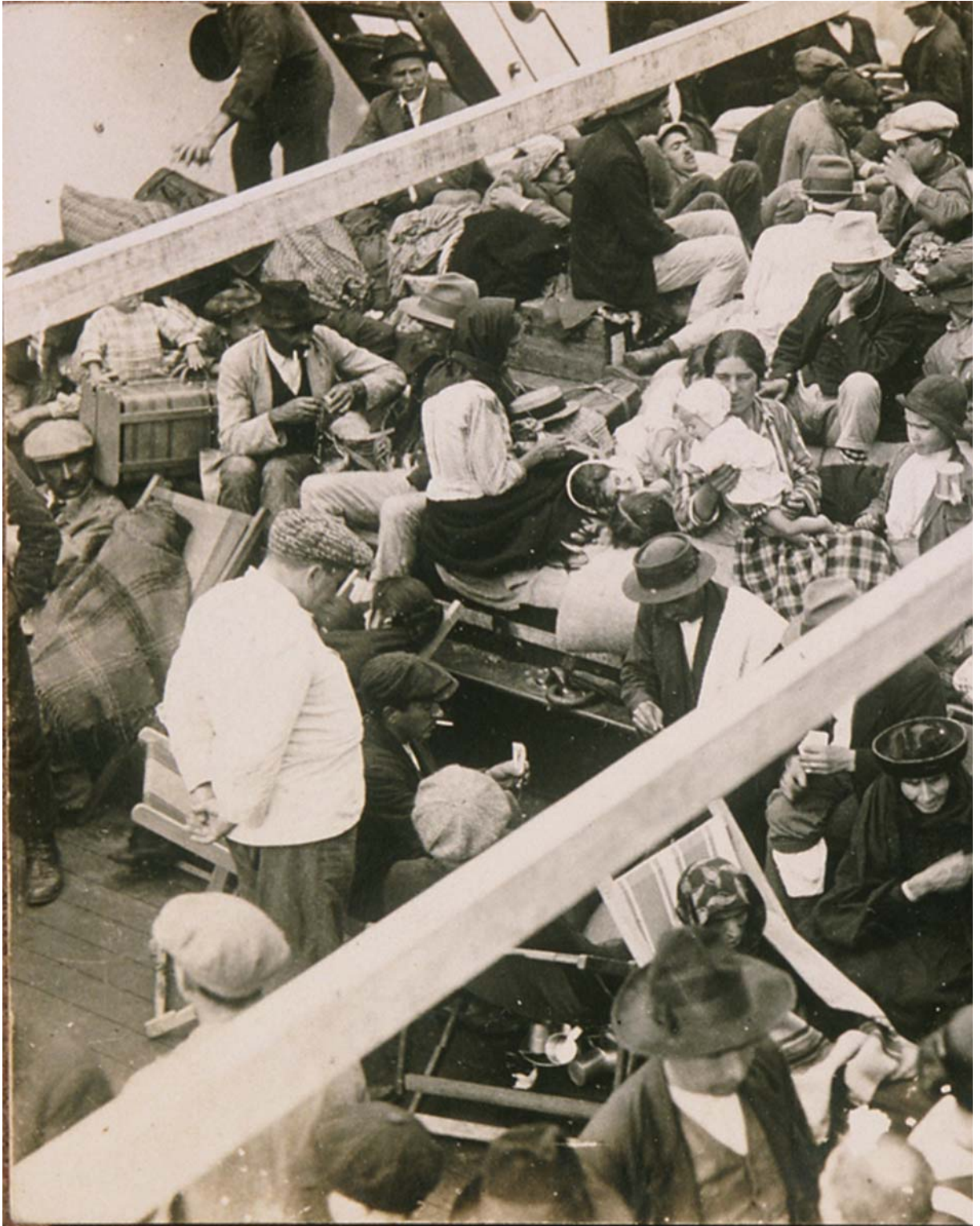
Primeira classe, 1929.

(...) A tragédia do *Navio de emigrantes* encontraria aqui um desfecho novo, numa espécie de terra da promessa, cuja descoberta parece inteiramente inesperada, na época das guerras imperialistas. Essa solução foi propiciada a Segall pela sua vinda definitiva para o Brasil.

Antônio Bento, *Antologia Lasar Segall*.
Rio de Janeiro: Funarte, 1982. p.76.



Emigrantes com lua, 1926.



Emigrantes, 1930. Cartão-postal.





Emigrantes, 1930. Cartão-postal.





Emigrantes, 1930. Cartão-postal.

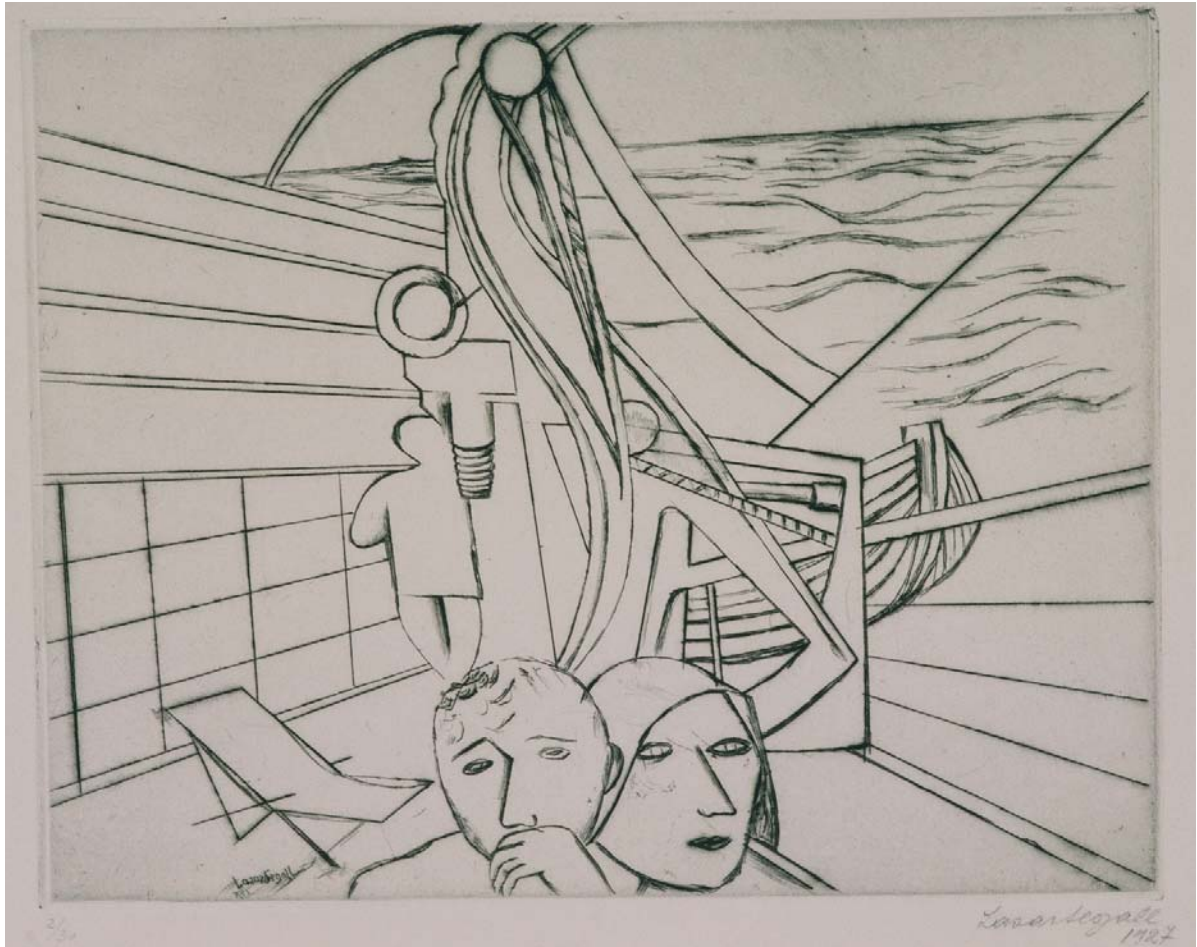


(...) Segall, no entanto, sob muitos aspectos, nos trouxe mais do que uma pintura dita brasileira. Deu-nos um testemunho profundo de toda uma época do drama contemporâneo. Mais do que isto ainda: sua obra foi um solo original e tocante, com a rouca e quente sonoridade de uma fruta rústica, dentro da cacofonia universal. Ele tinha predileção pelos tons em menor, e por isso, mesmo quando abordava os grande temas épicos – *Navio de emigrantes*, *Progrom* – acabava transformando-os num lamento.

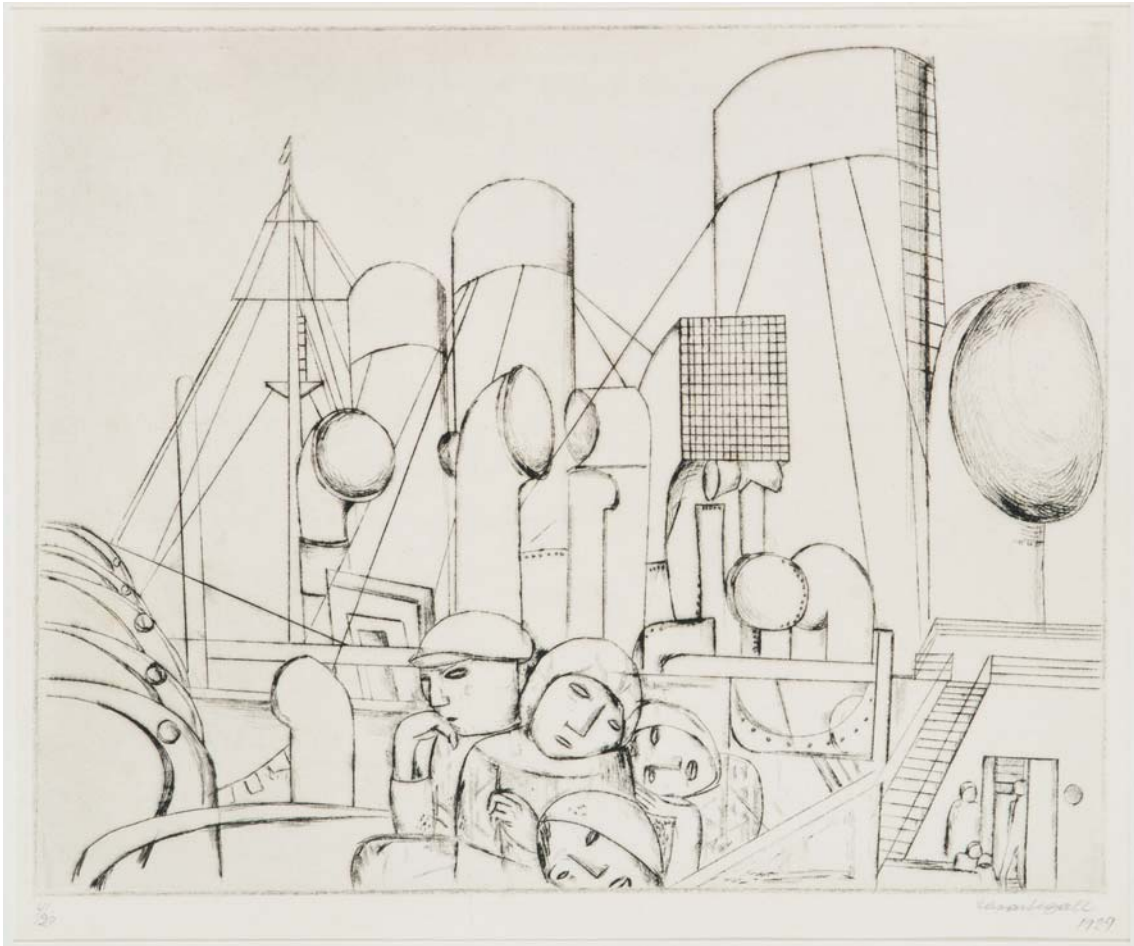
Mário Pedrosa, *Antologia Lasar Segall*.
Rio de Janeiro: Funarte, 1982. p. 68.



Emigrantes no tombadilho, 1929.



Casal de emigrantes no convés, 1928.



Emigrantes, 1929.